

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Beatrix Potter

O Conto do Leitão



Era uma vez uma velha porca chamada Tia Dedinhos. Ela tinha oito filhos; quatro porquinhas, chamadas Nhon-nhon, Suck-suck, Yock-yock e Spot; e quatro porquinhos, chamados Alexander, Leitão, Chin-Chin e Atarracado. Atarracado sofreu um acidente no rabo.

Os oito porquinhos tinham um apetite muito bom - "Sim, sim, sim! Eles comem e de fato comem!" disse tia Dedinhos, olhando para sua família com orgulho. De repente, houve gritos de medo; Alexander havia se espremido dentro dos aros do cocho dos porcos e ficou preso.

Tia Dedinhos o puxou pelas patas traseiras.

Chin-Chin já estava em desgraça; era dia de lavar roupa e ele tinha comido um pedaço de sabão. E dentro de uma cesta de roupas limpas encontramos outro porquinho sujo! - "Tchut, tut, tut! O que significa isso?" resmungou tia Dedinhos.

Toda a família dos porcos é rosa, ou rosa com manchas pretas, mas essa criança suína era toda preta e suja; quando foi colocado em uma banheira, provou ser Yock-yock. Entrei no jardim; lá encontrei Nhon-Nhon e Suck-suck arrancando cenouras. Eu mesmo os puxei pelas orelhas. Nhon-Nhon tentou me morder.



"Tia Dedinhos, tia Dedinhos! Você é uma pessoa digna, mas sua família não foi bem educada. Todos eles se meteram em travessuras, exceto Spot e Leitão."

"Sim, sim!" suspirou tia Dedinhos. "E eles bebem baldes de leite; terei de arranjar outra vaca! O bom Spot ficará em casa para fazer o trabalho doméstico; mas os outros devem ir. Quatro porquinhas e quatro porquinhos são demais."

"Sim, sim, sim", disse tia Dedinhos, "haverá mais para comer sem eles."

Então Chin-chin e Suck-Suck foram embora em um carrinho de mão, e Atarracado, Yock-yock e Nhon-Nhon foram embora em uma carroça.

E os outros dois porquinhos, Leitão e Alexander, foram ao mercado. Escovamos seus casacos, enrolamos suas caudas e lavamos seus rostinhos, e nos despedimos deles no quintal.

Tia Dedinhos enxugou os olhos com um grande lenço de bolso, depois enxugou o nariz de Leitão e derramou lágrimas; então ela enxugou o nariz de Alexander e derramou lágrimas; então ela passou o lenço para Spot. Tia Dedinhos suspirou e grunhiu, e dirigiu-se aos porquinhos da seguinte forma:



"Agora, Leitão; filho Leitão, você deve ir ao mercado. Pegue seu irmão Alexander pela mão. Cuide de suas roupas de domingo e lembre-se de assoar o nariz" (Tia Dedinhos passou o lenço novamente) - "cuidado com as armadilhas, poleiros de galinha, bacon e ovos; ande sempre sobre as patas traseiras." Leitão, que era um porquinho tranquilo, olhou solenemente para a mãe; uma lágrima escorreu por sua bochecha.

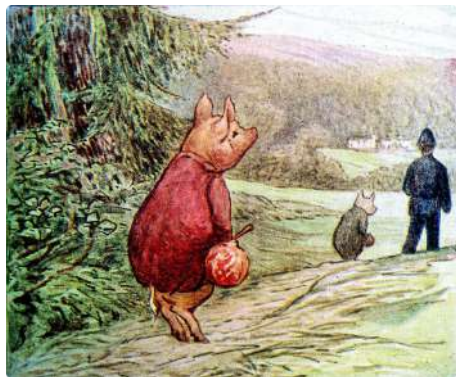
Tia Dedinhos virou-se para o outro - "Agora, filho Alexander, pegue a mão" - "Wee, wee, wee!" riu Alexander - "pegue a mão de seu irmão Leitão, você deve ir ao mercado. Lembre-" "Wee, wee, wee!" Alexandre interrompeu novamente. "não saia para longe", disse tia Dedinhos—

"Observe as placas de sinalização e os marcos; não coma ossos de arenque..." "E lembre-se", disse eu de forma impressionante, "se você atravessar a fronteira do condado, não poderá voltar. Alexander, você não está presente. Aqui estão duas licenças que permitem que dois porcos entrem no mercado em Lancashire. Faça isso Alexandre. Tive muitos problemas para conseguir esses documentos do policial." Leitão ouviu com seriedade; Alexander estava irremediavelmente balançado.



Prendi os papéis, por segurança, dentro dos bolsos de seus coletes; Tia Dedinhos deu a cada um balas de menta e um pacotinho com assuntos apropriados para conversar em pedaços de papel. Então eles começaram.

Leitão e Alexander trotaram continuamente por uma milha;



Pelo menos Leitão fez. Alexander percorreu a estrada pela metade novamente saltando de um lado para o outro. Ele dançou e beliscou seu irmão, cantando—

"Este porco foi ao mercado, este porco ficou em casa,

"Este porco comeu um pouco de carne—

vamos ver o que eles nos deram para o jantar, Leitão!"



Leitão e Alexander sentaram-se e desamarraram seus fardos. Alexander engoliu seu jantar rapidamente; ele já havia comido todas as suas próprias balas de menta - "Dê-me uma das suas, por favor, Leitão?" "Mas desejo preservá-los para emergências", disse Leitão em dúvida. Alexander caiu na gargalhada. Então ele picou Leitão com o alfinete que prendia seu papel de porco; e quando Leitão o esbofeteou, ele deixou cair o alfinete e tentou pegar o alfinete de Leitão, e os papéis se misturaram. Leitão reprovou Alexander.

Mas logo eles fizeram as pazes novamente e saíram trotando juntos, cantando:

"Tom, filho de Tom, o flautista, fugiu e um porco roubou!

"Mas todas as melodias que ele sabia tocar eram 'A Canoa Virou!'"

"O que é isso, jovens senhores? Roubou um porco? Onde estão suas licenças?" disse o policial. Eles quase correram contra ele em uma esquina. Leitão pegou seus papéis; Alexander, depois de se atrapalhar, entregou algo amarrotado—

"Está tudo bagunçado. Docinhos e papeizinhos de conversa" - "O que é isso? Isso não é uma licença." O nariz de Alexander alongou-se visivelmente, ele a havia perdido. "Eu tinha uma, de fato eu tinha, Sr. Policial!"

"Não é provável que eles deixem você continuar sem. Estou passando pela fazenda. Você pode caminhar comigo." "Posso voltar também?" perguntou Leitão. "Não vejo razão, jovem senhor; seu papel está certo." Leitão não gostava de ir sozinho e estava começando a chover. Mas não é sensato discutir com a polícia; ele deu uma bala de menta ao irmão e o observou sair de vista.

Para concluir as aventuras de Alexander – o policial caminhou até a casa na hora do chá, seguido por um porquinho subjugado e úmido. Dispensou Alexander na vizinhança; ele se saiu muito bem quando se acalmou.

Leitão continuou sozinho, desanimado; ele cruzou estradas e uma placa de sinalização – "Para o Mercado da cidade, 5 milhas", "Sobre as Colinas, 4 milhas", "Para a Fazenda da Dedinhos, 3 milhas".



Leitão ficou chocado, havia pouca esperança de dormir na cidade e amanhã era a feira de contratações; era deplorável pensar quanto tempo havia sido desperdiçado com a frivolidade de Alexander.

Ele olhou melancolicamente ao longo da estrada em direção às colinas e então partiu, caminhando obedientemente para o outro lado, abotoando o casaco para se proteger da chuva. Ele nunca quis ir; e a ideia de ficar sozinho em um mercado lotado para ser observado, empurrado e contratado por algum grande e estranho fazendeiro era muito desagradável...

"Gostaria de ter um pequeno jardim e cultivar batatas", disse Leitão.

Pôs a mão fria no bolso e apalpou o papel, meteu a outra mão no outro bolso e apalpou outro papel – o de Alexandre! Leitão deu um gritinho e voltou correndo freneticamente, esperando alcançar Alexander e o policial.

Ele pegou uma curva errada – várias curvas erradas, e ficou completamente perdido.



Escureceu, o vento assobiou, as árvores estalaram e gemeram.

Leitão ficou assustado e gritou: "Wee, wee, wee! Não consigo encontrar o caminho de casa!"

Depois de uma hora vagando, ele saiu da floresta; a lua brilhava por entre as nuvens e Leitão viu um país que era novo para ele.

A estrada cruzava uma charneca; abaixo havia um amplo vale com um rio cintilando ao luar e além – na distância enevoada – ficavam as colinas.

Ele viu uma pequena cabana de madeira, dirigiu-se a ela e entrou furtivamente – "Receio que seja um galinheiro, mas o que posso fazer?" disse Leitão, molhado, com frio e bastante cansado.

"Bacon e ovos, bacon e ovos!" cacarejou uma galinha em um poleiro. "Armadilha, armadilha, armadilha! có, có, có!" repreendeu o galo perturbado. "Para o mercado, para o mercado! Jiggetty jig!" cacarejou uma galinha branca choca empoleirada ao lado dele. Leitão, muito alarmado, decidiu partir ao raiar do dia. Nesse ínterim, ele e as galinhas adormeceram.



Em menos de uma hora estavam todos acordados. O proprietário, o Sr. Peter Thomas Piperson, veio com uma lanterna e uma cesta para pegar seis aves para levar ao mercado pela manhã. Ele agarrou a galinha branca empoleirada ao lado do galo; então seu olhar caiu sobre Leitão, espremido em um canto. Ele fez uma observação singular - "Olá, aqui está outro!" - agarrou Leitão pela nuca e jogou-o no cesto. Então ele jogou mais cinco galinhas sujas, chutando e cacarejando na cabeça de Leitão.



O cesto contendo seis galinhas e um leitão não era leve; foi levado morro abaixo, instável, com solavancos. Leitão, embora quase arranhado em pedaços, dava um jeito de esconder os papéis e as balas de menta dentro de suas roupas.

Por fim, o cesto foi jogado no chão da cozinha, a tampa foi aberta e Leitão foi retirado. Ele olhou para cima, piscando, e viu um homem idoso ofensivamente feio, sorrindo de orelha a orelha.

"Este veio de si mesmo", disse o Sr. Piperson, virando os bolsos de Leitão do avesso. Ele empurrou o cesto para um canto, jogou um saco sobre ele para fazer as galinhas ficarem quietas, colocou uma panela no fogo e desamarrou as botas. Leitão puxou um banquinho e sentou-se na beirada dele, aquecendo timidamente as mãos. O Sr. Piperson tirou uma bota e jogou-a contra o lambril no outro extremo da cozinha. Houve um ruído abafado - "Cale a boca!" disse o Sr. Piperson. Leitão aqueceu as mãos e olhou para ele.

O Sr. Piperson tirou a outra bota e atirou-a depois da primeira, houve novamente um barulho curioso - "Fique quieto, sim?" disse o Sr. Piperson. Leitão sentou-se bem na ponta do banquinho.

O Sr. Piperson pegou a refeição de um baú e fez mingau, parecia a Leitão que algo no outro extremo da cozinha estava demonstrando um interesse reprimido em cozinhar; mas ele estava com muita fome para ser incomodado por ruídos.



O Sr. Piperson serviu três pratos: um para si mesmo, um para Leitão e um terceiro - depois de olhar feio para Leitão - ele guardou com muita briga e trancou. Leitão jantou discretamente.

Depois do jantar, o Sr. Piperson consultou um almanaque e apalpou as costelas de Leitão; já era tarde demais para curar bacon e ele ressentia sua refeição. Além disso, as galinhas tinham visto esse porco.

Ele olhou para os pequenos restos de um peixe e então olhou indeciso para Leitão. "Você pode dormir no tapete", disse o Sr. Peter Thomas Piperson.

Leitão dormiu como uma pedra. De manhã, o Sr. Piperson fez mais mingau; o tempo estava mais quente. Ele olhou quanta refeição restava no baú e parecia insatisfeito - "Você provavelmente vai seguir em frente de novo?" disse ele a Leitão.

Antes que Leitão pudesse responder, um vizinho, que estava dando carona ao Sr. Piperson e às galinhas, assobiou do portão. O Sr. Piperson saiu apressado com o cesto, ordenando a Leitão que fechasse a porta atrás de si e não se intrometesse em nada; ou "Voltarei e esfolarei vocês!" disse o Sr. Piperson.

Passou pela cabeça de Leitão que, se ele também tivesse pedido uma carona, talvez ainda tivesse chegado a tempo de ir ao mercado.

Mas ele desconfiava de Peter Thomas. Depois de terminar o café da manhã à vontade, Leitão deu uma olhada no chalé; tudo estava trancado. Ele encontrou algumas cascas de batata em um balde na cozinha dos fundos. Leitão comeu a casca e lavou os pratos de mingau no balde. Ele cantava enquanto trabalhava—



"Tom com seu cachimbo fez tanto barulho,
Ele ligou para todas as meninas e meninos—
E todos correram para ouvi-lo tocar,
Depois das colinas e longe dos rios!—"

De repente, uma pequena voz abafada entrou na conversa—

"Sobre as colinas e muito longe,
O vento vai arrancar meu topete!"

Leitão largou um prato que estava limpando e escutou.

Depois de uma longa pausa, Leitão ficou na ponta dos pés e espiou pela porta da cozinha da frente; não havia ninguém lá.

Depois de outra pausa, Leitão aproximou-se da porta do armário trancado e espiou o buraco da fechadura. Estava bem quieto.

Depois de outra longa pausa, Leitão empurrou uma bala de menta por baixo da porta. Foi sugado imediatamente.

No decorrer do dia, Leitão empurrou todas as suas seis balas de menta restantes.

Quando o Sr. Piperson voltou, ele encontrou Leitão sentado diante do fogo; ele havia escovado a lareira e colocado a panela para ferver; a refeição não foi possível.



Sr. Piperson era muito afável; ele deu um tapa nas costas do Leitão, fez muito mingau e esqueceu de trancar a caixa de refeição. Ele trancou a porta do armário; mas sem fechá-lo corretamente. Ele foi para a cama cedo e disse a Leitão para não incomodá-lo no dia seguinte antes do meio-dia.

Leitão estava sentado perto do fogo, jantando.

De repente, ao seu lado, uma vozinha falou: "Meu nome é Pig-wig. Faça mais mingau para mim, por favor!" Leitão saltou e olhou em volta.

Uma adorável porquinha Berkshire preto estava sorrindo ao lado dele. Ela tinha olhos pequenos e brilhantes, um queixo duplo e um nariz curto e arrebitado. Ela apontou para o prato de Leitão; ele rapidamente deu a ela e correu para o baú de comida - "Como você veio aqui?" perguntou Leitão.

"Roubada", respondeu Pig-wig, com a boca cheia. Leitão serviu-se da refeição sem escrúpulos. "Pelo que?" "Bacon, presuntos", respondeu Pig-wig alegremente. "Por que diabos você não foge?" exclamou o horrorizado Leitão.

"Vou depois do jantar", disse Pig-wig decididamente.

Leitão fez mais mingau e a observou timidamente.

Ela terminou um segundo prato, levantou-se e olhou em volta, como se fosse começar.

"Você não pode ir no escuro", disse Leitão.

Pig-wig parecia ansioso.

"Você conhece o seu caminho à luz do dia?"



"Eu sei que podemos ver uma casinha branca das colinas do outro lado do rio. Para onde você está indo, Sr. Pig?"

"Para o mercado - tenho dois papéis de porco. Posso levá-la até a ponte; se você não fizer objeções", disse Leitão muito confuso e sentado na beirada de seu banquinho. A gratidão de Pig-wig foi tamanha, e ela fez tantas perguntas, que ficou embaraçoso para Leitão.

Foi obrigado a fechar os olhos e fingir que dormia. Pig-wig então ficou quieta, e havia um cheiro de hortelã-pimenta.

"Eu pensei que você os tinha comido?" disse Leitão, acordando de repente.

"Só os cantos", respondeu Pig-wig, estudando os papéis com muito interesse à luz do fogo.

"Gostaria que não comesse; ele pode sentir o cheiro deles através do teto", disse o alarmado Leitão.

Pig-wig guardou as pastilhas de menta no bolso; "Cante alguma coisa", ela exigiu.

"Sinto muito... estou com dor de dente", disse Leitão muito consternado.

"Então eu vou cantar", respondeu Pig-wig, "Você não vai se importar se eu disser iddy tidditty? Esqueci algumas das palavras."

Leitão não fez nenhuma objeção; ele sentou-se com os olhos semicerrados e a observou.

Ela balançou a cabeça e balançou, batendo palmas e cantando com uma doce voz grunhida—

"Uma velha e engraçada porca vivia em um chiqueiro, e três porquinhos a tinham;
"(Ti idditty idditty) umph, umph, umph! e os porquinhos disseram xixi!"

Ela cantou com sucesso três ou quatro versos, apenas a cada verso sua cabeça balançava um pouco mais e seus olhinhos cintilantes se fechavam...

"Aqueles três porquinhos ficaram pontudos e magros, e magros eles podem muito bem ser; "Pois de alguma forma eles não podiam dizer umph, umph, umph! e eles não eram pequeninos, pequeninhos!"
"Pois de alguma forma eles não podiam dizer-"



A cabeça de Pig-wig balançou cada vez mais baixo, até que ela rolou, uma pequena bola redonda, profundamente adormecida no tapete da lareira.

Leitão, na ponta dos pés, cobriu-a com uma mantinha.

Ele estava com medo de dormir; pelo resto da noite, ele ficou sentado ouvindo o chilrear dos grilos e os roncões do Sr. Piperson acima de sua cabeça.

De manhã cedo, entre a escuridão e a luz do dia, Leitão amarrou sua trouxa e acordou Pig-wig. Ela estava excitada e meio assustada. "Mas está escuro! Como podemos encontrar o caminho?"

"O galo cantou; devemos começar antes que as galinhas saiam; elas podem gritar para o Sr. Piperson."

Pig-wig sentou-se novamente e começou a chorar.

"Venha, Pig-wig; podemos ver quando nos acostumarmos. Venha! Posso ouvi-los cacarejando!"

Leitão nunca disse Xô! para uma galinha em sua vida, sendo sincero; também se lembrou do cesto.

Ele abriu a porta da casa silenciosamente e a fechou atrás deles. Não havia jardim; o quintal do Sr. Piperson estava todo arranhado por galinhas. Eles escaparam de mãos dadas por um campo desordenado até a estrada.

O sol nasceu enquanto atravessavam a charneca, um deslumbramento de luz sobre os cumes das colinas. A luz do sol descia pelas encostas até os tranquilos vales verdes, onde pequenas casinhas brancas se aninhavam em meio a jardins e pomares.

"Isso é Westmorland", disse Pig-wig. Ela largou a mão de Leitão e começou a dançar, cantando...

"Tom, filho de Tom, o flautista, fugiu e um porco roubou! "Mas todas as melodias que ele sabia tocar eram 'A Canoa Virou!'"

"Venha, Pig-wig, devemos chegar à ponte antes que as pessoas comecem a acordar." "Por que você quer ir ao mercado, Leitão?" perguntou Pig-wig agora.
"Eu não quero, eu quero plantar batatas." "Tem uma

bala de hortelã?" perguntou Pig-wig. Leitão negou bastante irritado. "Seu pobre dentinho dói?" perguntou Pig-wig. Leitão grunhiu.

A própria Pig-wig comeu a bala de hortelã e seguiu pelo lado oposto da estrada. "Pig-wig! mantenha-se sob a parede, há um homem arando."; eles correram colina abaixo em direção à fronteira do condado.

De repente, Leitão parou; ele ouviu rodas.

Subindo lentamente a estrada abaixo deles, veio a carroça de um comerciante. As rédeas batiam nas costas do cavalo; o dono da mercearia lia um jornal.

"Tire essa hortelã da boca, Pig-wig, podemos ter que correr. Não diga uma palavra. Deixe comigo. Fique de olho na ponte!" disse o pobre Leitão, quase chorando. Ele começou a andar horrivelmente manco, segurando o braço de Pig-wig.

O merceiro, concentrado em seu jornal, poderia ter passado por eles se seu cavalo não tivesse recuado e bufado. Ele puxou o carrinho

transversalmente e segurou o chicote. "Alô? Onde você está indo?" - Leitão olhou para ele vagamente.

"Você é surdo? Você vai ao mercado?" Leitão assentiu lentamente. "Foi o que pensei. Foi ontem. Mostre-me sua licença?" Leitão olhou para a ferradura traseira do cavalo do merceiro, que havia pegado uma pedra.

O dono da mercearia sacudiu o chicote:

"Documentos? Licença de porco?" Leitão remexeu em todos os bolsos e entregou os papéis. O merceiro os leu, mas ainda parecia insatisfeito. "Este porco aqui é uma jovem; o nome dela é Alexander?" Pig-wig abriu a boca e tornou a fechá-la; Leitão tossiu asmaticamente.

O dono da mercearia correu o dedo pela coluna de anúncios de seu jornal: "Perdido, roubado ou extraviado, recompensa de dez xelins"; ele olhou desconfiado para Pig-wig. Então ele se levantou na armadilha e assobiou para o lavrador.

"Espere aqui enquanto eu dirijo e falo com ele", disse o dono da mercearia, pegando as rédeas. Ele

sabia que os porcos são escorregadios; mas certamente, um porco tão manco nunca poderia correr!

"Ainda não, Pig-wig, ele vai olhar para trás." O dono da mercearia assim o fez; ele viu os dois porcos parados no meio da estrada. Então ele olhou para os calcanhares de seu cavalo; era coxo também; a pedra levou algum tempo para cair depois que ele chegou ao lavrador. "Agora, Pig-wig, AGORA!" disse Leitão.

Nunca os porcos correram como esses porcos correram! Eles correram, gritaram e dispararam pela longa colina branca em direção à ponte. As anáguas da pequena e gorda Pig-wig esvoaçavam e seus pés faziam pitter, patter, pitter, enquanto ela saltava e saltava.

Eles correram, correram, desceram a colina e atravessaram um atalho na relva verde ao fundo, entre canteiros de seixos e juncos. Chegaram ao rio, chegaram à ponte - atravessaram-na de mãos dadas - então sobre as colinas e longe dali, ela dançou com Leitão!